Escritos

Cinema, TV e Educação: limites, possibilidades e perspectivas

Nelson De Luca Pretto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRETTO, N.D.L. Cinema, TV e Educação: limites, possibilidades e perspectivas. In: *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 77-84. ISBN: 978-85-232-2019-8. <https://doi.org/10.7476/9788523220198.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CINEMA, TV E EDUCAÇÃO: LIMITES, POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS⁷⁴

Três lembranças para abrir esse texto.

A primeira, lendo um artigo de Mauricio Cardoso⁷⁵ sobre Glauber Rocha, encontro trecho de uma carta que ele escreveu para Cacá Diegues, em 1971, de Munique/Alemanha, na qual dizia: “O cineasta do Terceiro Mundo não deve ter medo de ser ‘primitivo’. Será naif se insistir em imitar a cultura dominadora. Também será naif se se fizer patrioteiro! Deve ser antropofágico, fazer de maneira que o povo colonizado pela estética comercial/popular (Hollywood), pela estética populista/demagógica (Moscou), pela estética burguesa/artística (Europa) possa ver e compreender a estética revolucionária/popular que é o único objetivo que justifica a criação tricontinental. Mas, também é necessário criar essa estética. *Um campo de muitas intersecções*”. (grifo nosso).

⁷⁴ Uma primeira versão deste texto foi publicada no Catálogo da 11ª Mostra de Cinema de Ouro Preto, ocorrida entre 22 e 27 de junho de 2016.

⁷⁵ CARDOSO, Maurício. *Glauber Rocha e a tentação do exílio (1972-1976)*, publicado pelo Núcleo Diversitas, em 2008. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/node/1435>>. Acesso em: 12 maio 2016.

Corta.

A segunda lembrança vem de um encontro de Luiz Felipe Perret Serpa, à época, reitor da Universidade Federal da Bahia, com uma jornalista. Por ser o seu assessor, eu estava presente. Ao final de uma entrevista no início do seu mandato, em 1993, a jornalista pergunta ao novo reitor: - O que o senhor espera que a UFBA seja ao final do seu mandato? E Felipe, à queima roupa, responde: - Um Glauber Rocha!

Um pouco atônita, a jornalista questiona: - Como?! E Felipe, com sua tranquilidade de sempre, explica: - Um Glauber porque ele, como cineasta, foi conhecido e teve uma importância internacional sendo essencialmente um nordestino, um sertanejo, tratando do seu povo e de sua região.

Corta.

A terceira lembrança, essa minha mesmo, vem de quando implantávamos a internet na Bahia, em 1994. Ao inaugurar a conexão da primeira escola da rede municipal à internet, a Novo Marotinho, localizada no bairro popular de mesmo nome, tínhamos uma frase na manga, que virou o nosso mantra até hoje: “Não queremos a internet nas escolas e, sim, as escolas na internet”. Essa frase-mantra passou a guiar nossas ações, como ativistas e pesquisadores, presidindo boa parte das pesquisas do nosso grupo⁷⁶, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. O jogo era feito com as palavras, mas a intenção era direta: queríamos – e queremos cada vez mais – que alunos e professores usem a internet como forma de expressão. Queríamos, desde aquele momento, que as escolas, com seus professores, alunos e comunidade, fossem fortalecidas enquanto produtoras de culturas e conhecimentos e não, apenas, consumidoras de informações (outro mantra!). As escolas, insistíamos, tinham que estar conectadas para que pudessem povoar a rede. Queremos que as escolas se coloquem na internet, que ocupem as redes sociais, criem seus blogs, façam parte, enfim, do universo da cibercultura. Vale para a internet, vale para a Lei 13.006 de 26 de junho de 2014, que introduz a obrigatoriedade de projeção de filmes nacionais, por pelo menos duas horas mensais.

⁷⁶ Disponível em: <www.gec.faced.ufba.br>.

Precisamos de projeção de filmes, mas precisamos também de estímulo à criação e à produção. Só assim, poderemos de fato, pensar na montagem de redes de produção e de circulação da produção.

Mas quando mencionamos a palavra rede, é importante trazer a colega Leila Dias, geógrafa da Universidade Federal de Santa Catarina, que nos ajuda, qualificando o conceito de rede: “As redes não vêm arrancar territórios ‘virgens’ de sua letargia, mas se instalam sobre uma realidade complexa que elas vão certamente transformar, mas aonde elas vão igualmente receber a marca.”⁷⁷ Aqui, o sentido não deixa dúvida: participar da rede deixando a sua marca, a marca da cultural local, dos valores e crenças de cada um, no particular, e de todos, no coletivo, de forma a contribuir, com altivez, para a construção da sociedade que almejamos. Esse deveria ser o elemento central de todas as políticas públicas para a educação, cultura, comunicação, ciência e tecnologia. Não podemos, pois, pensar que os limites, desafios e possibilidades trazidos para o nosso cotidiano pelos avanços científicos e tecnológicos possam ser compreendidos e enfrentados com soluções focalizadas. Precisamos pensar a cultura e a educação com um olhar muito mais amplo, que enxergue, no mínimo, todas essas áreas mencionadas. Políticas integradas e integradoras para a superação de limites.

Desafio não pequeno.

Corta e...

Voltemos a Glauber: “Um campo de muitas intersecções”.

Pois essas intersecções são as que queremos trazer para cá, para esse texto e para o debate na 11ª Mostra de Cinema de Ouro Preto/VIII e no Fórum da Rede Kino, que é a aproximação, e já não deveria ser novidade, entre a educação e a cultura e, mais especificamente, entre cinema, televisão e educação. O nosso foco, como sempre, é o de dirigir o olhar para as instituições públicas e aqui me refiro especificamente às universidades e às escolas do sistema público de educação.

⁷⁷ DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.

Esse olhar nos obriga a mirar, primeiro, para dentro da escola, mas isso só não bastará. Demandará um olhar, também, para fora e para as bordas, pois o limite entre dentro e fora da escola está cada vez mais difuso e, para superá-lo, as redes tecnológicas, potencialmente, podem ajudar muito.

Nós, professores, somos os maiores desafiados, pois atuamos num sistema escolar, cujas políticas públicas não compreendem a importância das imagens em movimento na formação das juventudes. Curioso, pois vivemos em um mundo repleto de imagens e informações e não sabemos muito bem como trabalhar com tudo isso na educação. Muitas vezes, ainda hoje e depois de tanta pesquisa sobre o tema⁷⁸, os filmes e vídeos são trazidos como meros ilustradores dos processos, o que é uma enorme redução de suas potencialidades. Essa redução se dá, por um lado, pelo simples uso acessório da televisão, vídeo ou cinema, como também pela ausência de condições para que esse uso se dê de maneira a possibilitar, efetivamente, a fruição do processo audiovisual. A precariedade da infraestrutura das escolas e universidades, praticamente impede o uso pleno do audiovisual, uma vez que, quando se busca realizar apresentações de filmes e vídeos, essas são realizadas em aparelhos de televisão que, na maioria das vezes, dispõem de imagem e som de baixa qualidade, ou em projeções em paredes sujas, com iluminação inadequada, não permitindo ao jovem a efetiva e rica experiência da imersão no mundo do cinema e do audiovisual. Com isso, matamos o cinema!

Ao contrário, precisamos pensar nas possibilidades trazidas pelo cinema e trabalhar numa perspectiva de formação de plateias, formação essa que deveria priorizar o ver e sentir os filmes e vídeos. Agora, com o digital, poderíamos dispor de materiais diversos encontrados nos *sites*

⁷⁸ Desde o livro *O professor e as imagens*, de Michel Tardy (1976) e *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*, de Pierre Babin e Marie-France Kouloumdjian (1989), passando por inúmeros outros, dentre os quais, Wim Wenders (1990), Ana Paula Albuquerque (2012) e Adriana Fresquet (2013). ALBUQUERQUE, A. P. T. De. *...Gravando! - O cinema documentário no cenário educativo: perspectivas para uma educação audiovisual*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador; FRESQUET, A. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

privados (Vimeo, YouTube...) e públicos (Video@RNP, Ripec...),⁷⁹ nos repositórios de vídeos das diversas universidades, televisões universitárias, entre tantos outros. No entanto, a lamentável qualidade das conexões das escolas públicas à internet dificulta a plena circulação de imagens em movimento.

Lutar em defesa de políticas públicas que garantam a conexão das escolas do sistema público é uma luta que tem que estar presente em todas as nossas batalhas políticas. Isso porque, quando mencionamos a importância da cultura na educação, estamos aludindo uma cultura que não é a do isolamento, impermeável. Ao contrário, falamos de uma cultura da troca, do relacionamento, da remixagem, da aceitação do estrangeiro e do diferente. Uma cultura que se mescla e, por isso mesmo, vive, como já mencionamos ao trazer Marc Augé anteriormente: uma cultura que se isola, morre. “As culturas só viveram por serem capazes de se transformar.”⁸⁰

Se estivermos de acordo até agora, temos que, juntos, pensar um pouco mais além, e avançar no debate sobre a nossa capacidade de produzir e consumir artefatos, estéticas, valores e imagens. Para tal, o digital e a rede trazem elementos estruturantes que consideramos fundamentais. Já dizia isso, quando afirmava, em 1994, que tínhamos que superar a “incorporação das tecnologias como instrumentalidades, como mais um – e moderno! – recurso didático-pedagógico.” Valia para 1994, vale ainda para os dias de hoje. Concluía aquele texto, com a reflexão de Michel Tardy: “[...] o filme torna-se, então, o equivalente ao capítulo do livro didático”.⁸¹

Trágico, concorda?

É necessário avançar e esse avanço se dará, além do já exposto, na nossa capacidade de criar as condições para ampliar a capacidade de produção das juventudes, hoje facilitada com a miniaturização e o barateamento das tecnologias como câmeras e celulares. Saímos, pois, de uma

⁷⁹ Disponíveis em: www.vimeo.com; www.youtube.com; www.video.rnp.br e www.ripec.ufba.br, respectivamente.

⁸⁰ AUGÉ, op cit., p. 24 e 25.

⁸¹ PRETTO, N. D. L. *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. 8. ed rev. e atual. Salvador: Edufba, 2013. p. 137.

perspectiva instrumental e de consumo da televisão, vídeo e cinema, para outra esfera, a da produção. Com isso, adentramos mais fortemente a perspectiva fundamental que me referia naquele texto de 1994.

Fortalecida a dimensão produção, outros desafios aparecem. Um deles diz respeito à adequada política de distribuição dos produtos realizados, tanto por profissionais como pelos próprios alunos e professores. Não podemos nos limitar aos canais de distribuição associados às plataformas comerciais já referidos ou, o que é pior, àqueles associados às empresas educacionais que expandem seus tentáculos, atuando agressivamente nos municípios, Estados e setores públicos.⁸² Esses canais são importantes, mas precisamos ir além. Precisamos de plataformas públicas que viabilizem a circulação da produção nacional, de forma independente das empresas.

Aqui deveríamos trazer o tema das televisões educativas e universitárias e o da absurda concentração na propriedade dos meios de comunicação, tanto no Brasil, como no mundo. Mas como não temos espaço, fica o registro da importância desse debate, sem deixar, no entanto, de trazer para o nosso texto apenas uma rápida menção ao segundo aspecto. O projeto *Foco na Mídia*, criado pelo falecido jornalista Daniel Hertz, traz importantes dados sobre essa concentração em termos brasileiros⁸³. Os dados apresentados são significativos, mostrando que são 10 as famílias que dominam a mídia brasileira, segundo matéria da BBC Brasil: a família Marinho (Rede Globo) e a família Roberto Civita (grupo Abril) detêm cerca de 60% do mercado editorial. (BBC Brasil, 18/07/2011).⁸⁴ Hoje não estamos mais vivendo em um mundo onde os estados fortes e ditatoriais – salvo algumas exceções – tenham o poder centralizado, no entanto, o que

⁸² Levantamentos que estamos realizando indicam que a Google já havia firmado acordo para o fornecimento da solução *Google Apps for Education*, com os governos dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com a Prefeitura de Florianópolis/SC, com a Unicamp, dentre muitos e muitos outros. Ao mesmo tempo, a empresa Facebook, com seu projeto *internet.org*, busca formalizar acordos com diversos países para que essa plataforma privada seja o centro das políticas públicas de inclusão digital, inclusive com o Brasil.

⁸³ Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Donos_da_M%C3%Addia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Donos_da_M%C3%ADia)>. Acesso 12 maio 2016.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110718_magnatas_bg_cc.shtml>. Acesso em: 12 maio 2016.

vemos, não só no campo da cultura e da mídia, é uma enorme concentração em torno de grandes corporações que atuam de maneira oligopolista, em todos os países, sejam eles do Norte ou Sul, países em desenvolvimento ou desenvolvidos. Isso demanda uma ação mais contundente, visando à construção de uma política de democratização da informação; aí temos que ter uma relação mais intensa com a sociedade e esses veículos são importantes nessa relação universidade, escola e sociedade, e a transparência e a existência de uma política de comunicação precisa ser implantada e favorecer a comunicação científica e cultural.

Insisto na ideia de que a presença do cinema, da televisão e do vídeo na escola, seguramente contribuirá com as transformações que preconizamos como necessárias ao sistema educacional, de tal forma que ele se torne, como já afirmamos, um ecossistema pedagógico de aprendizagem, de comunicação e de produção de culturas e conhecimentos. O que se busca é pensar em tecnologias que favoreçam as produções, todas conectadas entre si e em rede, contribuindo para que a escola se preocupe menos com o consumir informação e conteúdo e passe a se preocupar mais intensamente com a produção de culturas e de conhecimentos, implantando-se um círculo virtuoso de produção cultural e científica. Mais uma vez, importante destacar que a construção desse ambiente de produção, de baixo para cima, não descarta o conhecimento estabelecido, não descarta a língua culta, a ciência moderna, a ciência com C maiúsculo e no singular, porque o ambiente escolar passa a se constituir no espaço da convivência e do diálogo entre os suportes, culturas, conhecimentos e saberes da sociedade.

Portanto, de novo Glauber: “Um campo de muitas intersecções”.

E para a educação, esse campo de muitas intersecções envolve as comunicações. Anísio Teixeira, em um memorável texto dos anos de 1960, intitulado *Mestre de amanhã*, discutiu o papel dos professores que já eram “compelidos a mudar pelas condições dos tempos presentes.”⁸⁵ Ele se perguntava: “E por quê?”

⁸⁵ TEIXEIRA, A. *Mestres de amanhã*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 92, p. 10-19, 1963.

Sua resposta: “Porque estamos entrando em uma fase nova da civilização chamada industrial, com a explosão contemporânea dos conhecimentos, com o desenvolvimento da tecnologia e com a extrema complexidade consequente da sociedade moderna.”

Estamos na década de 1950 do século passado. E Anísio não havia visto nada!

A escola passa, assim, a se constituir naquilo que Anísio, nesse mesmo texto, afirmava sobre a presença da mídia na educação, com uma visão premonitória de um futuro que se avizinhava. Para ele, a escola de amanhã seria aquela que se assemelharia “[...] muito mais um laboratório, uma oficina, uma estação de televisão do que a escola de ontem e ainda hoje.”⁸⁶

Atualizar Anísio é premente.

Precisamos dar voz a todos aqueles que estão com sua voz sufocada. E a escola tem um significativo papel nesse processo, se aproximarmos, cada vez mais, a educação da cultura, especialmente a cultura digital, transformando, como já dissemos, professores e alunos em fazedores do seu próprio tempo.

⁸⁶ TEIXEIRA, op. cit. 1963; p.143.